



GIL VICENTE

Semanario monarchico-integralista
(Literario e Noticioso)
Orgão e propriedade da

Junta Municipal de Guimarães

Redac. e Adm.: AVENIDA DO COMERCIO



VISITACÃO

*Pardiz! siete arrepolones
No pegaran a la entrada
Mas yo di una puñada
A uno de los rascanes
VALVETIÑO*

Director:

D. José Ferrão.

Adm. e Editor:

Domingos F. Guimarães.

Comp. e Imp.: MINERVA RIBEIRO
Rua de Gil Vicente, 34 e 36 - GUIMARAES

IN HOC SIGNO VINCES

Não queremos já trazer à teia da discussão o erro dos princípios em que o liberalismo se subdivi e, para nos dar o aspecto de sistemas políticos totalmente diferenciados quando apenas são perfeitamente iguais em toda a sua ossatura o corporatura.

Esse trabalho, do «dize tu, direi eu», serve bem ao «Correio da Manhã» e ao «Mundo» no puchar a brasa à sua sardinha, qual regateira da Praça da Figueira discutindo preços com qualquer nova rica.

A nós outros não nos compete a execução da republica em qualquer modalidade da mais radical à mais conservadora, porque se nos impõe o dever da renegação de todo o idealismo anti-nacional num combate sem tréguas pelo sceptro e pela Cruz sob cujo amparo a Nação se formou, e subiu ao pedestal sagrado da Inortalidade.

Que nos importa que qualquer fise do sistema politico liberal-democrata exista senão para o atacarmos de frente em seus fundamentos estruturais e nunca para o compararmos em seus ramos desnationalisantes, desde o Constitucionalismo coroadado até ao bolchevismo não coroadado?

Tempo perdido andariamos buscando em prol da Nação que afirmamos defender e manter, e a Era de Quatrocentos nos ensina e acalenta a amar melhor, quer nas horas da paz em que o povoamento era a maior preocupação, como nos instantes da guerra em que a conquista se tornou necessária.

Povos em que tantos factores os uniam, vivendo dispersos por prazer dos chefes e senhores, nos momentos de quietidão, encontrando-se ligados quando o perigo os ameaçava de perto, faltava-lhes, ontem como hoje, o poder coordenador que o Rei condensava em Sua Augusta Autoridade e que a manhã d'Ouri que viria aureolar em sua melhor consagração.

A Nação, já então formada sob as bênçãos de Deus e a autoridade do Rei, atravessa esse período de ascensão quer na paz, quer na guerra, trazendo sobre si o respeito e a inveja das Nações, numa superioridade

de que a Historia não esquece por muito que os renegados a escondam.

A renovação desse ciclo augusto é a bandeira que empunhamos e elevamos no nosso culto da Tradição. É a Monarquia Portuguesa, legitima e genuinamente portuguesa, que apontamos como fonte santa donde emana o bem comum que vamos a reacnder em opposição formal ao interesse individual que nos apaga.

A família dela recebeu o melhor carinho em estímulos e prestigio. Não haviam então leis do divorcio, nem registos civis, mas em compensação instituiu-se o morgadio e tantas outras vinculações que o Constitucionalismo chegou a converter em roubo do primogenito varão a seus outros irmãos.

As Corporações de Artes e Officios levavam a tranquilidade ao lar, daquele que hoje moureja de sol a sol para encontrar uma noite de pesadelos.

As liberdades municipais faziam prosperar as regiões que vamos vendo agora em devastação assoladora. Encabeçando este manancial de prosperidade e de riqueza, de harmonia e de elevação, através a Provincia, iam encontrar em utilidade nacional a Assembleia Nacional ou Côrtes Geraes da Nação o a que presidia o Rei.

Se na paz a Nação ascendia num bem estar que uma suficiência e melhoria economica lhe doava, na guerra a gloria não nos fugia, porque a mesma lei do sangue nos unia num mesmo impeto, num mesmo anseio de vencer.

Só assim o condado portugalense alargaria suas fronteiras em luta contra mouros e castelhanos, só assim o Reino de Portugal firmaria sua Independencia contra espanhóis e franceses, só assim ergueria o mais opulento imperio d'Além-Mar na Descoberta e na Conquista.

E ainda Portugal regressará á posse dos seus bens quando de novo erguer sob este Ceu do Paraizo, a divisa sagrada: - Por Deus. Pela Patria e pelo Rei.

In hoc signo vinces.

Ponte e Souza.

“Pro Vimarane,”

Dedicado ás Festas da Cidade e aos seus incançáveis organizadores, publicou este nosso presado colega local um soberbo numero de 16 páginas, primorosamente colaborado pelas individualidades mais em evidência no nosso meio, e illustrado com varias gravuras dos organizadores das festas e Marcha Milaneza, assim como varias vistas da cidade e fotografias de pessoas que ás festas dedicaram todo o seu afecção.

Representando também, nos

tempos presentes, um grande esforço e uma grande vontade, o «Pro Vimarane» continua levantando bem alto a sua divisa POR GUIMARAES!

Fernando da C. Freitas

Com sua ex.^{ma} Esposa, encontra-se entre nós, com alguma demora, o nosso distinto conterraneo sr. Fernando da Costa Freitas, que, por varias vezes, tem honrado as colunas do nosso semanario com a sua brilhante colaboração.

O EMPRÉSTIMO

No «Jornal de Noticias», do Porto, e sob a epigrafe *Os efeitos do empréstimo*, escrevia X, no numero 169, relativo a 21 de Julho:

«Os efeitos do empréstimo estão a sentir-se já. E não é só o cambio que não melhora, antes se agrava. E a crise comercial e industrial que se acentua, que se antucia temoosa, que resultará um enorme «krak» se não houver a intervenção imediata de quem tem o dever de o fazer.»

Os milhares de contos que cobrirão o empréstimo, que tanto inconseiente denominam «o empréstimo da raça» não saíram do pé de meia nacional, como jubilosamente esperava o sr. Vitorino Guimarães, mas dos depósitos bancários que se sumiram nos cofres do Estado. Aproveitou, momentaneamente, o ministério das finanças para alimen ar, provisoriamente, o rebufado dos desperdícios, mas a economia pública sentiu-se asfixiada pela falta de numerário para as suas transações. O como cio não tem dinheiro, a industria não tem dinheiro, os bancos não tem dinheiro porque lho levou o sorvedouro do B. de Portugal, porque lho arrounou o sr. ministro das finanças com o seu empréstimo salvador.

A praça do Porto luta com dificuldades enormes por falta de numerário e a não haver uma intervenção enérgica e imediata, torna-se impossivel manter a laboração das fabricas e evitar a paralisção do comercio.

E de lamentar que se não previesse esta situação. E aqueles que imaginaram que o empréstimo iria arrancar cá para fóra o pé de meia nacional e traria cá para dentro os capitais que andam foragidos, devem estar já, agora, profundamente desiludido.

Que falta de previsão o que cegueira!

Como se a confiança pública se conquistasse com expedientes e como se as condições do próprio empréstimo não se sejam a mais lamentável e eloquente condenação dos processos de administração que se vem seguindo.

Este sinal de alarme que o nosso presado colega da Invicta veio lançar a publico, é a maior e melhor demonstração de que o empréstimo, como se havia já previsto, era uma operação ruinosa em que o país e só o país era sacrificado.

Porém, a nada se atedia e os reclames espaventosos lançados pela conveniencia e pagos a tanto por linha, principiaram a inundar todos os nossos recantos.

E quando alguém, com verdadeiro conhecimento do assunto, surgia a apontar as deficiencias da operação ou a indicar os efeitos ruinosos que ela provocaria, logo a imprensa jacobina e alguma outra cuja consciencia se limita ao balcão onde cai o dinheiro mal ganho de qualquer campanha a favor ou contra terceiros, principiava a sua tarefa de difamação, a cantiga tantas vezes repetida de *traição* e quejandos adjectivos.

Até varias pessoas que todos os dias trabalham com cambios e dirigem operações bancarias, até essas, na sua cegueira politica, (porque parece-me bem que as não orientou a má fé ou inconsciencia) proclamavam as excellencias do empréstimo, quer nas suas conversas, quer mesmo por meio da imprensa.

No entanto, pessoas esclarecidas e conhecedoras profundas de operações financeiras, continuavam a apontar os males que o empréstimo, nas condições em

ANTOLOGIA

Dia de anos

A MARIA AMELIA

*Desesseis anos!... A vida a viver!...
Aroma santo das orações mansas,
Idílio de Deus rezando as bonanças
Duma vida nova sempre a nascer...*

*São contos de luz que se querem cêr
No encanto d'alma em botão de esperanças,
Sonhos formosos que passam nas franças
E os sifos às rosas não vão dizer...*

*Rosarios d'essencias em azas brancas,
Alvoradas cantando aureo sorrir
Dos Ceus baixando em dicinas arrancas...*

*Da Luz os canticos que os anjos beijam,
Da Promissão jardim sempre a florir,
Desesseis anos!... Bênçãos de Deus sejam.*

Ponte e SOUZA.

que era emitido, viria ocasionar.

Seja-me licito salientar, de tudo quanto se escreveu, o artigo do meu muito presado camarada e colaborador deste jornal, Ex.^{mo} Sr. Dr. Afonso Lucas, sob a epigrafe *Na Varanda de Pilatos... (Empréstimo & moeda falsa)*, publicado no n.º 7 da brilhante revista «Nação Portuguesa», relativo a Janeiro do ano corrente.

Nele se estudavam as condições em que o empréstimo era proposto e nele se combatia, nos termos que passamos a transcrever, o efeito contraproducente que viria ocasionar.

«Jogam as cristas (dizia o Ex.^{mo} Sr. Dr. Afonso Lucas, no citado artigo)—o relatório que precede a proposta e a proposta que segue o relatório. Numa e noutro ha graves dissensões intestinas, propositos inuiciados que se contradizem e mutuamente se excluem. Tudo isto tocado de uma aparente sinceridade, de uma ingénua confiança nos efeitos da panacea, que, no fundo, não passam de rematada hipocrisia, filha de uma lamentavel falta de coragem...»

A quem pretenderá o governo iludir? A si próprio!

Uma impressão ressaltava nitida, infosismavel, da leitura dos dois documentos: o Estado, depois de ter exaurido, até aos extremos limites, todas as fontes de receita—quantas havia e quantas criou, numa verdadeira furia, numa loucura de impostos e taxas leoninas—encontra-se sem dinheiro para fazer face á elephantias das suas despesas, e precisa, para se salvar, de o obter, sem olhar a meios, ainda que sacrificando a Nação nas garras da mais feroz usura.

Não, se trata de iniciar uma obra inteligente de ressurgimento, nem de abrir, de longe, caminho

para ela: trata-se de «tapar um buraco» e nada mais.

A nada se atendeu. O reclame continuou fazendo-se; mas o que chamavam o pé de meia nacional, a que se fazia o mais descarado narô o... saiu *bola*.

E aí está o «Noticias» a proclamá-lo bem alto.

E quais os resultados do empréstimo? A parte o aumento dos honorarios ao presidente e aos ministros (belo exemplo de economia e redução de despesas, não haja duvida), nada mais appareceu que tivesse geito. Tudo o mais foi a pior. E a Nação continua a agonisar no Calvario a que os politicos, bandos malditos de aves de rapina, a conduziram.

E ainda ha tamintos cujas convicções se limitam á madeira orçamental que tem o descaramento de chamarem ao Rei, *Rei do trabalho... dos outros*.

Como se todos se medissem pela mesma vara!

M.

N. da R. — Por motivo da falta de espaço só hoje nos foi possível publicar este artigo, do que pedimos muita desculpa ao seu autor.

Alfredo Guimarães

Em casa dos seus estremos Pais, tendo já regressado a Lamego, esteve, acompanhado de sua ex.^{ma} Esposa, o nosso illustre correligionario e distinto publicista sr. Alfredo Guimarães.

O «Gil Vicente», cumprimentando-o, espera a sua colaboração formosa no estílo e no conceito, tanto mais apreciada quanto mais desejada.



Dos nossos Mestres

«Em menos de dez anos de republica, desgastaram-se mais de dois centos de *estadistas*: — duzentos e trinta e tantos ministros!!! E quantas revoluções?... O governo é vertiginoso, meteorico, fulminante... *d la minute!*»

Todos mandam, ninguém obedece! O resultado é logico, e eis aí o outro lado da dourada medalha do Antigo Regimen, o *pendant* liberalista do tal *absolutismo*, desse sadio sistema Tradicional, liberrima *autoocracia* de tão larga independencia municipal, de tão dignificante representação dos officios, das classes, dos mestres, do Povo, enfim, que, sem lembrar a Casa dos Vinte e Quatro, se mais não pesasse, (e muita vez assim foi!) nas deliberações das Cortes Gerais, pelo menos hobreava, de igual para igual, com os demais Estados: — do Clero e da Nobreza...

Mas agora gosamos o sistema oposto, em que o Povo, iludido Soberano, se vê representado no parlamento por impostos figurões, que nem de nome conhece e que nem de vista conhecerão as suas necessidades profissionais; regimen sob o qual não se poderá abordar o sempre retraido Presidente da Republica, (que para isso lá terá as suas razões!) e muito menos dizer-lhe aquelas mesmas palavras, que já em Portugal se repetirão, das falas dos Ricos Homens do Aragoão, que, desde Ramiro, filho de Sancho o Grande, recebiam o juramento dos seus Suzeranos, apontando-lhes ao cotação uma espada nua e dizendo-lhes firmemente: — *Senão, não!*

Esta é a verdadeira liberdade! Cada um, conscientemente, abdicando do seu arbitrio politico e da sua vontade civil, para, a bem de todos, obedecer a Uma Só Vontade, já preparada, por atavismos ancestrais e por cuidada educação, a saber mandar...

Penso não ser necessario tirar conclusões; e de tal sorte elas nos chegam, esmagadoras de logica, a responder ás premissas expostas aqui, que enfadonha redundancia seria uma tal dissertação... Mas o ensinamento aí está, com o travo certo do fel das amarguras e a rigidez provavel da vala comum das nacionalidades... Ao menos, se ló-se tempo ainda, da dura lição aproveitar!

MAGA.

COM IGUAL DIREITO

O regime republicano teima na sua sêde avara contra as fontes de receita e de economia do país. Não há dinheiro capaz de o saciar. E' sófrego e, como o lobo, arremeta o povo que é, nem mais, nem menos, o cordeiro tímido diante das atnaças dos estomagos felinos.

Os aulicos do regime chamam a si, á sua bolsa própria, grossas e fabulosas maquinas, que, melhor applicadas, iriam mitigar muita dôr, matar muita fome, e encher muitas lágrimas, cobrir muita nudez!

Quanto mais avaros, tanto mais miseráveis ôles são!

Está bem provado que o regime não dá mais. Esperar dêle o cumprimento das suas promessas só os tolos e os ingénuos acreditarão ainda. Nós não! E não porque os factos são bem eloquentes e pezam como chumbo sobre as costas de todo o povo; e, á medida que vão sendo dados a público, a opinião agita-se, colérica e terrível, a imprensa fulmina os crimes de toda a ordem, os politicos malditos dizem as ultimas. Pois, senhores, por muito menos, mesmo por nada, o sr. dr. Antonio José de Almeida, disse, em 1907, apontando á força armada: «Soldados! Com essa meia duzia de baionetas e com a minha voz de comando, atravessando a cidade inteira, poderemos fazer a fel cidade dum a Patria Nova!» Essa *felicidade* aí está a arrastar vertiginosamente para a ruina uma «Patria Nova» que a republica, sobre o baleão da baixa mercadoria politica, tem anavilhado nas suas virtudes e no seu sentimento!

«Por muito menos rolou no cadafalso a cabeça de Luis XVI!» Esta frase, que pertence a um homem que tem feito pouco dum país que lhe paga pródigoamente o seu desprêso, em terra de França, hoje, applicada, seria de toda a necessidade torná-la em realidade. E não tem remorsos estes homens que cavam o abismo que ha de engulir tudo e todos!

Palhaços de circo não representariam melhor os seus papeis! E' estupidez já, para não dizer crime, acreditar na prosperidade desta malfadada terra portuguesa, sob a formula republicana. O que tem feito a republica? Que tem ela dado de bom, de proveitoso a um povo que foi (?) atraz dos beleguins de feira, levado, é claro, mais pela cegueira politica dos republicanos que pelas necessidades de então?

Com o mesmo direito que tinha o deputado Antonio José de Almeida de gritar: «Viva a Republica!» no parlamento monarchico e nas praças publicas, nós, satisfazendo a nossa consciência, gritamos — «Viva a Monarquia!»

Encarcerar o pensamento é encarcerar a alma humana! — dizia o há pouco falecido Junqueiro.

Domingos RIBEIRO.

Durante os dias das festas deram-nos a honra da sua visita, que muito agradecemos, os nossos presados amigos srs. dr. Francisco Veloso, Horacio de Castro Guimarães e José Francisco da Silva Junior, administrador do nosso presado colega do Porto a *Libra Nacional*.

Tambem estiveram entre nós os nossos presados amigos srs. dr. Francisco Miranda da Silva Guimarães, distinto medico, de Felgueiras, dr. Antonio Pereira de Magalhães e Couto, Novais Teixeira, obsequioso colaborador do nosso jornal, e Antonio Joaquim de Sousa Junior, residente no Porto.

Guimarães

OS DIAS DE DOMINGO E SEGUNDA FEIRA : : : AS ILUMINAÇÕES GERAIS : : : O QUE FOI A MARCHA MILANEZA : : : OUTRAS NOTAS : : : : : :

Uma salva de morteiros veio anunciar que eram horas de iniciar a nossa peregrinação pelas ruas da cidade. Estavamos no segundo dia das festas. Era necessario partir. Marchamos resignadamente a cumprir a missão que nos fora confiada. Bandas de musica numa cosmopolita variedade de fardamentos, de pessoas e de sons, caminhavam em todas as direcções, arrando o hino da cidade. Já principiava a aluir ao Campo da Feira grande quantidade de gado cavalari garbosamente montado e melhor adomado.

A'quella hora todo o vasto recinto destinado á feira se apinhava de *feirantes* que acorriam pressurosos, despertados muito á pressa, colête desabotado forrado de flanela vermelha a contrastar com a vermelhidão das faces, a fecharem os seus contratos, antes que alguma *alma danada* apparecesse a estragar o arranjinho de uma estampa bem comprada em melhores condições de preço. Iniciava-se, assim, uma especie de luta renhida, que os vendedores aproveitavam em seu favor. Era festa... tudo estava contente. Rostos satisfeitos, bolsas recheiadas.

As ornamentações dos largos e ruas, deslumbrantes. Campo da Feira em arcos de festa aldeã; Largo 1.º de Maio em fantasias de comêtas variegadas de variados côres; Rua da Republica dava nos a impressão de uma rua de P. kin ou Tokio, em arcos de verdadeira *chinezia*, de côres variadas e letras esquisitas; Praça D. Afonso Henriques, em alegorias ás façanhas épicas do fundador da nacionalidade; Largo Prior do Crato, alegoria ao Comercio, de feérico effeito; Jardim Publico, em estilo Luiz XV, sim les, mas de bello effeito; Rua de S. Damaso, alegoria ao Vimaranesense illustre que foi o papa S. Damaso, e, finalmente, a Rua de Paio Galvão, em estilo regional, sugestivo e gracioso, de beleza e effeito deslumbrantes.

A' noite, toda esta profusão de côres iluminadas era de um effeito surpreendente, maravilhoso que todas as maravilhas provaveis e imaginaveis das *Mil e uma noites* ficava muito áquem.

O exercicio dos bombeiros não pôde realizar-se por motivo de as nossas ruas estarem tão atravessadas de fios de electricidade — co' as do chefe supremo cá da terra — que dificultavam todo e qualquer movimento de lançamento de escadas, etc. Estavam representadas as corporações de Braga e Matosinhos — a que os nossos bombeiros promoveram conligna recepção —, tendo a delegação de Matosinhos feito acompanhar-se pela sua auto-bomba.

A' 4 da tarde chegou a excelente Banda do Comando Geral da Guarda Republicana, que era aguardada na Estação do Caminho de Ferro pela Associação Commercial e Industrial, bandas de musica e muito povo.

O fogo de artificio, muito e variado, foi de surpreendente e magnifico effeito.

Segunda-feira: terceiro e último dia das festas. De manhã, as manifestações festivas dos dias anteriores, continuação da feira de gado cavalari e de tribução solene dos prémios aos melhores expositores.

A Marcha Milan'za, que a dedicacão e o esforço dos Empregados de Comercio organizaram, brilhante em todo o seu conjunto de côres bizarras, fechou, com chave de ouro, o terceiro dia das nossas festas.

E o que foi a Marcha Milaneza, as surpresas que causou, as alegrias que espalhou, dê-lo bem a satisfacão que se notava em todos os rostos.

Constituida, tambem, por três carros alegoricos: A Caravela, dos rapazes de Guimarães empregados no Porto, O Dragão, que a falta de fogo e luz não deixou sobresair, por um lamentavel desastre após a saída do deslumbrante cortejo luminoso, e O Cisne, ela foi bem a apoteose grandiosa das nossas festas.

E' digna, pois, de elogio a Comissão Organizadora. Sejam, porém, permitido salientar a figura de Antonio d'Almeida, alma dedicada e entusiástica, que, sempre incansavel, não se poupou a sacrificios, nem a trabalhos.

Estava cumprida a nossa missão, a missão que nos foi confiada e que nós procuramos cumprir o mais zelosamente possivel.

Durante os 3 dias das festas o nosso presado amigo sr. Luiz do Souto, empregado do «Vimaranes-Cine», filmou alguns aspectos das ornamentações e principais numeros do programa, para serem projectados nos «craens» dos cinemas do nosso país.

Não nos consta que houvesse a mais pequena nota discordante durante os três dias de festas, reinando sempre a ordem e a harmonia entre todos os que visitaram Guimarães.

São dignas de registo as medidas de precaução tomadas pela autoridade administrativa local policiando bem a cidade e guardando das *vistas alheias* as cart-eiras e os cordões.

Fez bom serviço a policia de Braga. Assim se honra nma terra.



CARTILHA MONARQUICA

CARTILHA DO OPERARIO

PREÇO DE CADA 500 REIS

Pedidos á administração do nosso jornal

Ex.^{mo} Snr.

Um Morto querido!...

Faz hoje um ano mais que a Morte roubou á Vida um homem que todos nós conheciamos — o Cônego José Maria Gomes!

Guimarães perdeu nêlenão só um Amigo distinto e sincero, mas tambem e principalmente um Professor intelligentissimo e consciencioso, dotado de formoso espirito e de uma alma franca e bondosa.

Lembrar, neste dia, o Cônego José Maria Gomes é perpetuar a sua Memória, honrar o seu nome, chorar o Mestre e o Amigo!

Não é o Tempo capaz de apagar da nossa intelligencia a sua Imagem que, viva como a Saudade, doce como a Lembrança, Ela aí está gravada em caracteres de bronze, abraçada á bandeira da Academia Vimaranesense, que Nêle teve um Professor dos mais illustres e um dos seus melhores Amigos.

Que os nossos estudantes o Recordem com carinho! Que o distinto Corpo Docente perpetue o Seu nome!

Dr. M. Fernandes

Para a Povoação de Varzim partiui na passada quarta feira o nosso presado amigo sr. dr. Marcelino Fernandes.

Victoria Sport Club

Em assembleia geral do Grupo Victoria Sport Club, realizada a 12 de junho p. f., foi, pelo sr. João Vieira Campos de Carvalho, capitão geral do «Victoria Sport Club», apresentada a seguinte proposta:

«Que para desfazer mal entendidos que pudessem nascer do conflito havido, entre os espectadores e os jogadores de Vizela, quando da sua visita a esta cidade, e abalar assim a solidariedade «sportiva» entre o «Victoria Sport Club» e o «Sport Club de Vizela», fossem nomeadas dois delegados, cuja missão seria a de irem apresentar, junto da Direcção do grupo «sportivo» da vizinha povoação, os seus protestos de franca solidariedade e convidá-lo a jogar novamente com o Grupo Vimaranesense.»

A proposta foi aprovada por unanimidade, sendo arbitrado pelo sr. Luis Filipe Gonçalves Coelho que esta parte da acta fôsse do conhecimento público, visto que assim ficaria libado de qualquer culpa o «Victoria Sport Club».